



O AGRO ENTRE EUA E IRÃ

Evaristo de Miranda

A dimensão geopolítica do Brasil é cada vez mais definida pelo agronegócio. A crise entre Irã e EUA pode afetar a agropecuária, com novas tarifas norte-americanas sobre produtos brasileiros, impactos nas exportações para o Irã e aumento no custo de insumos.

Em 2025, o Brasil exportou 2,9 bilhões de dólares ao Irã. Mais de 90% foram da agropecuária e cerca de 17% da ureia importada vieram do Irã. O conflito no Oriente Médio pode interromper a cadeia de suprimentos, aumentar o preço do barril de petróleo, elevar os fretes e insumos agrícolas.

Milho e soja representaram 87% do exportado ao Irã. Segundo comprador de milho brasileiro, após a China, o Irã representa 20% dessas exportações. O agro brasileiro exporta ao Irã açúcar, carne bovina e outros itens. Essa exportação é superior às realizadas para a Rússia, África do Sul e Suíça. Exportações de milho foram temporariamente suspensas por dificuldades de comunicação e obtenção de cartas de crédito.

O elemento mais perturbador foi a afirmação do presidente Trump: “Qualquer país que fizer negócios com a República Islâmica do Irã pagará uma tarifa de 25%

sobre todos os negócios que realizar com os EUA.” O detalhe dessa ordem executiva ainda não foi apresentado.

Os EUA representam o destino de mais de 10% das exportações brasileiras. Importamos muito dos EUA, sobretudo bens de capital. O Irã é menos de 1% (0,8%) das exportações. O caminho sensato seria cessar temporariamente as relações comerciais com o Irã, até a solução da crise.

Grande exportador de produtos agrícolas, o Brasil deveria manter um perfil internacional “baixo”. Uma nação aberta a negociar com todos os países, sem se mesclar em temas internacionais conflitivos, muito acima de sua dimensão econômica e de dissuasão militar.

Não cabe ao Brasil propor a substituição do dólar por outra moeda nas trocas internacionais e expressar delírios de grandeza terceiro-mundista, sem base na realidade. Os limites políticos internacionais do Brasil e de sua débil influência global foram demonstrados na COP 30, em Belém. Nenhum chefe de estado dos BRICS (13 países) ou presidente do Mercosul esteve presente, salvo Lula. Não foi uma mostra portentosa de liderança global.

O interesse nacional pede posicionamentos mais neutros e equilibrados. O Brasil está no continente americano. Com a política comercial dos EUA, sob Trump, Irã, Rússia e China são exemplos da complexidade e dos riscos a gerir em certas relações econômicas e políticas do Brasil.

De imediato, exige mais atenção o relacionamento econômico e político do Brasil com Irã e Rússia, objetos crescentes de sanções internacionais. Em breve, será a China. O Congresso dos EUA acaba de aprovar investigação sobre o agro brasileiro e a China (Seção 6705 da Lei de Inteligência de 2026).

PS. Sobre esta temática publiquei um artigo mais completo, esta semana, na Revista Oeste, Edição 305.